

**CORPO SUBJETIVADO:
conceitos e significados a partir de uma revisão sistemática**

Body subjectified: concepts and meanings from a systematic review

Djavan Antério

Departamento de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba
UFPB

41

Pierre Normando Gomes-da-Silva

Professor Adjunto
Departamento de Educação Física - UFPB

Resumo: Este artigo insere-se no âmbito de uma investigação à luz de conceitos e significados do corpo enquanto elemento subjetivo. Objetiva-se revisar diferentes linhas de pensamento, fomentando uma discussão reflexiva acerca desta temática. A metodologia adotada foi a revisão sistemática. Os estudos analisados apresentaram contextos diversificados, porém com similaridades conceituais nas quais é possível vislumbrar aproximações ideológicas acerca do corpo.

Palavras-chave: Educação; Corpo; Subjetividade.

Abstract: This article inserts in the scope of an investigation to concepts and meanings of the body as a subjective element. It aims to review various lines of thinking, encouraging a reflective discussion on this subject. The methodology adopted was a systematic review. The studies showed different contexts, but with similarities in the concepts in which it is possible to glimpse ideological approaches about the body.

Keywords: Education; Body, Subjectivity.

Na contemporaneidade, é bem comum percebermos a ideia do corpo humano sofrer constantes questionamentos, independentemente da área científica. Talvez por sua complexidade subjetiva, conectado ao tempo e ao espaço em que se contextualiza, pela associação aos fatores sócio-culturais, ou mais

simplesmente pela fragilidade evidenciada pelas doenças ou pela própria iminência da morte. Qualquer que seja a vertente desses questionamentos, algo não pode ser negligenciado: o corpo como uma de nossas “maiores riquezas”, nas palavras de Corraze (1982).

O corpo, segundo Foucault (1987), é simultaneamente fonte de prazer e alvo da disciplina. As transgressões e a rotina saudável acabam por polarizarem o contexto relacional em que vivemos. O autor fundamenta acerca do que ele chama de "corpo dócil", submetido a uma "coerção" de forma a mantê-lo sob poder. "Constata-se que um corpo dominado é um corpo dicotômico submetido ao comando mental, impedindo sua liberdade para responder às suas próprias necessidades, como um instrumento apto a corresponder às nossas exigências sob controle da mente" (1987, p. 83). Percebe-se nesta fala de Foucault a sinalização do conceito ao qual nos aproximamos, onde corpo não deve ser escravo da mente, mas um interlocutor espontâneo de seus sinais, suas mensagens.

Partilhamos do entendimento de corpo exposto por Laban (1978), na qual sua complexidade possibilita constante processo de criação, adaptação e, sobretudo, transformação do sujeito. O autor argumenta que, independente da área de conhecimento, o corpo sempre será dotado de complexas ramificações

conectadas entre si, sendo, em sua completude final, um forte elemento integrador, que possibilita e estimula novas trocas de relações. À luz da teoria "labaniana", iniciamos este artigo, preocupando-nos em fomentar uma discussão que transcenda a visão de corpo como "máquina humana", pois entendemos que a estrutura corporal é composta de um emaranhado complexo de elementos subjetivos não-automatizados como sentimentos, intuições, desejos.

Debruçamo-nos na tendência investigativa que pesquisa o corpo enquanto elemento transcendental, desprendido da dimensão densa da matéria. Em linhas gerais, o arcabouço teórico recorrido converge na perspectiva que rompe com a dicotomia corpo-mente, considerando, portanto, o corpo como elemento pulsante do ser. De acordo com Picard (1986), é constante a condução equivocada de o corpo ser pensado de maneira crua, sem a presença interpretativa da subjetividade. Segundo a autora, persiste ainda, mesmo após inúmeros estudos explorando a temática, uma visão reducionista do corpo, considerando-o

por muitas vezes algo superficial e simples.

Outra eloquente percepção epistemológica adotada é elencada por Greiner (2005). Segundo a autora, é necessário que reconheçamos que “somos um corpo” e não apenas “temos um corpo”, passando a ser um “corpo vivo”. Neste corpo engloba-se a qualidade de vida, a alegria de viver, a capacidade de superação e o reconhecimento dos limites. Com Katz e Greiner (2004), temos o corpo também considerado como nossa identidade, porém transitória, o corpo enquanto estado, ou seja, como o corpo *está* e não o que o corpo *é*. De acordo com as autoras, “como fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre presente, o que impede a noção de corpo recipiente” (p. 130) diante das inúmeras transformações interdependentes que ocorrem em diferentes situações da vida, a cada informação que nos chega e nos transforma.

Sendo assim, como eixo epistemológico da pesquisa, adotou-se o conceito de corpo como elemento perceptivo, ativo-expressivo e

fundamental para a inter-relação comunicativa do sujeito, sendo esta uma dimensão da corporeidade. Ou seja, o corpo foi tratado na pesquisa como elemento subjetivo, além de suas perspectivas orgânicas, biológicas e estéticas.

Nossa pesquisa justifica-se pela importância em se trabalhar as diferentes possibilidades do corpo enquanto elemento prioritariamente presente no cotidiano do sujeito. Mas não de forma natural, estando ligadas pela materialidade. Elencamos uma visão transcendental da relação entre corpo e sujeito, considerando-os híbridos, não sendo possível um seguir sem o outro. Estabelecemos uma ruptura na lógica da separação corpo e sujeito, na medida contrariamos o primado da concretude do ser material e propomos a subjetivação do corpo.

Partindo desse bojo contextual, o presente artigo objetivou-se discutir, por meio de uma revisão sistemática, diferentes linhas de pensamento, fomentando um diálogo reflexivo com e entre os autores analisados. Para isso, valemo-nos de obras literárias

conceituadas que serviram como suporte teórico para a pesquisa. Adotamos a revisão sistemática como metodologia por ser uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Segundo Sampaio e Mancini (2007), esse tipo de metodologia disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma temática específica, apreciando criticamente informações pré-selecionadas. De acordo com as autoras, as revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras.

Analizamos três obras literárias oriundas de diferentes áreas do conhecimento: a filosofia, a partir de Merleau-Ponty (1999); as artes, a partir de Laban (1978); e a educação, a partir de Freire (1999). Para cada obra, adotou-se os pensamentos de seus respectivos autores, os quais serviram de base para a discussão reflexiva da temática abordada. As obras em questão foram divididas em três categorias: (i) conceitos acerca do

corpo; (ii) essência epistemológica do corpo subjetivado; e (iii) perspectivas ideológicas da relação corpo e sujeito. Vale salientar, que, visando um maior enriquecimento teórico, valemo-nos de outros autores que fomentam o corpo como elemento subjetivo, tais como os já citados Picard (1986) e Greiner (2005), além de Gomes-da-Silva (2001) e Medina (2002).

O corpo: dimensões teóricas

A seguir trataremos das dimensões teóricas acerca do corpo advindas do aporte literário que serviram como embasamentos para nosso pressuposto epistemológico bem como para a discussão reflexiva da pesquisa. Buscando seguir uma ordem cronológica no que se refere às áreas estudadas e com a intenção de construir um entendimento sólido e linear do que se segue, iniciaremos dialogando com a compreensão do corpo próprio, estudado por Merleau-Ponty (1999). Em seguida abordaremos a compreensão do corpo como elemento subjetivo composto pelo equilíbrio entre estrutura física, imagens e sentimentos/emoções, estudado por Laban (1978). Por fim,

vislumbraremos a compreensão da admissão do corpo na sua totalidade e nas suas expressões para o mundo, em Freire (1999).

Na Filosofia: o corpo a partir de Merleau-Ponty

Começaremos dialogando com a noção de *corpo próprio*, trazida na obra *Fenomenologia da Percepção*¹, do filósofo fenomenologista francês Merleau-Ponty (1908-1961), a qual defende que o corpo é nosso meio geral de estarmos no mundo, havendo momentos em que ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, de maneira a correlacionar-se, nos entorna num mundo biológico; em outros momentos brinca com seus primeiros gestos manifestando através deles novos significados.

Interessando-se principalmente pelo fenômeno da percepção, Merleau-Ponty (1999) argumenta que tal campo origina toda a atividade reflexiva e inaugura o conhecimento humano a partir da

¹ A referida obra teve sua primeira edição datada do ano de 1971. Para a pesquisa, utilizamos a edição de 1999.

experiência corporal. Assim, segundo o autor, a relação existente entre sujeito e o corpo no mundo demonstra um corpo não apenas como objeto orgânico, mas sim um "corpo vivido" (ou *corpo próprio*).

Para Merleau-Ponty (1999), o corpo deve ser considerado como um "ponto de vista sobre o mundo", sendo ele fonte sensitiva do que acontece no mesmo. O autor considera o corpo como sujeito da percepção, apresentando uma reflexão inerente, considerada como atributo da consciência. Na concepção do autor, há um privilégio da experiência do *corpo vivido* em detrimento das relações causais estabelecidas pelo pensamento objetivo:

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu "psiquismo", eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o inversão da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência

não poderiam dizer nada.
(MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3)

Merleau-Ponty (1999) fundamenta que o movimento do corpo só pode desempenhar determinado papel na percepção do mundo se ele próprio é uma maneira intencional de se relacionar. Assim, segundo o autor, é necessário que o mundo esteja em torno de nós, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nós nos projetamos. Por conseguinte, nesse contexto compreensivo trazido pelo autor, entendemos que o movimento expressivo através do corpo não realiza tão somente gestos intuitivos para determinadas ações. A expressão corporal manifesta significações que transcendem o mundo material e biológico, emergindo, segundo a filosofia merleau-pontyana, relações do corpo com o mundo no qual está inserido.

Sinalizando uma aproximação da concepção de Merleau-Ponty (1999) com nossa compreensão acerca do corpo, fixamo-nos na intencionalidade do sujeito perante o

mundo que o cerca. Logo, antes de qualquer discussão, é necessário impormos a necessidade de aceitarmos a condição de que somos *sujeitos-corpos*, isto é, entendermos o corpo como nossa identidade, nossa unidade de existência que nos dá visibilidade e acesso ao mundo.

Concordamos com Merleau-Ponty (1999) no aspecto da materialidade do corpo que se caracteriza pela temporalidade traduzida desde o nascimento até a morte, passando pelo amadurecimento e pelo envelhecimento. Tal perspectiva remete não só à possibilidade da inferência sobre a constituição da psique por meio da constituição corpórea (anatômica), mas também à dinâmica corporal (os gestos, as posturas e as atitudes), reflexo de nossas experiências em todas as fases da vida. Segundo o autor, isso resulta na tradução dos espaços internos e externos do corpo, dando-nos visibilidade. Nessa direção implica considerar que a percepção exterior e a percepção do *corpo próprio*, segundo Merleau-Ponty (1999), variam conjuntamente porque elas são as duas faces do mesmo ato.

Nas Artes: o corpo a partir de Laban

Prosseguindo com as compreensões acerca do corpo, dialogamos agora com o Rudolf Laban (1879-1958), famoso dançarino, coreógrafo e considerado o maior teórico da dança do século XX. Laban é conhecido principalmente pelo seu renomado *Sistema Análise Laban de Movimento* (Laban Movement Analysis - LMA).

Abordado como elemento propriamente subjetivo, o corpo, segundo Laban (1978), compõe-se do equilíbrio entre estrutura física, imagens e sentimentos/emoções. Trata-se de um corpo subjetivado, pois, no caso do ator, o mesmo passa a inventar e fazer escolhas de movimento para suas criações artísticas, ao invés de simplesmente repetir exercícios predeterminados. Laban concede o pensamento do corpo não como um instrumento a ser treinado, mas como um todo onde as partes se integram através do movimento de transformação contínua, permitindo a inclusão de paradoxos e contrastes.

A extraordinária estrutura do corpo, bem como as surpreendentes ações que é capaz de executar, são alguns dos milagres da existência. Cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela uma aspecto de nossa vida interior. Cada um dos movimentos se origina de uma excitação interna dos nervos, provocada tanto por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória. Esta excitação tem por resultado o esforço interno, voluntário ou involuntário, ou impulso para o movimento (LABAN, 1978, p. 48).

De acordo com Laban (1978), o corpo está em constante movimento, seja ele internamente, por meio de seu fluxo (órgãos, respiração, líquidos), ou externamente, por meio de sua expansão no espaço. Contudo, esses movimentos (interno e externo) acabam por se correlacionarem não sendo vistos como extremos, como pólos distintos. O autor defende a correspondência entre corpo e mente em um ser completo, por meio de uma linguagem gestual simbólica e da

interação entre corpo e espaço. Para Laban, cada tensão de movimento é expressiva de um ou mais sentimentos/emoções correspondentes.

O movimento é considerado por Laban (1978) como o principal meio de expressão humana, sem limites para o alcance das necessidades do homem, função incapaz de realização puramente com a palavra. No entanto, entende que a relação entre cotidiano e extra-cotidiano, vida e arte, é fluida e inter-relacional. Segundo o autor, o movimento humano é uma forma de relacionamento, seja entre pessoas, pessoas e objetos, pessoas e ambiente (espaço), quer seja em conexão com as intenções e gestos, sentimentos, ou até mesmo entre partes do corpo.

Elucidando uma aproximação da concepção de Laban (1978) com nossa compreensão acerca do corpo, fixamo-nos na percepção do sujeito enquanto *corpo em movimento*, o que significa considerar a existência de uma intencionalidade (ações em direção a algo que se deseja) e de uma motricidade que nos coloca em ação no mundo. Tal percepção extrapola a

questão do movimento rígido, retraído, sem expansividade. Dialogamos com Laban no sentido de não subutilizarmos o movimento no contexto em que se realiza, mas de creditá-lo de significados e intenções inerentes à condição comunicativa do sujeito. Isto é, sabendo da potencialidade expressiva do movimento, é possível, intencionalmente, fazer do movimento uma ação comunicativa extremamente eficaz.

De acordo com a teoria *labaniana*, quando nos movimentamos, criamos relacionamentos mutáveis com alguma coisa (pessoas, objetos, ambiente). Nossa concepção acerca de Comunicação Corporal envereda-se por tal pensamento. Se temos intenções e, por meio do movimento corporal, podemos expressá-las a ponto de relacioná-las com algo, façamos então um esforço em compreender e até mesmo dominar a capacidade intencional de expressarmo-nos corporalmente.

O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é

valioso. É fácil perceber o objetivo do movimento de uma pessoa, se é dirigido para algum objeto tangível. Entretanto, há também valores intangíveis que inspiram movimentos (LABAN, 1978, p. 19).

Em consonância com Laban (1978), partimos do fundamento de que cada ação de uma parte particular do corpo deve ser entendida em relação ao todo que sempre deverá ser afetado, seja por uma participação harmoniosa, por uma contraposição deliberada, ou por uma pausa. Logo, entender a composição dos movimentos do corpo possibilita uma maior interatividade com o meio. E isso implica na comunicabilidade do sujeito com o mundo.

Na Educação: o corpo a partir de Freire

Enfatizando uma discussão mais subjetiva e antropológica, valeremo-nos da reflexão filosófica e histórica em torno da negação do corpo nas formações sociais. Nesse contexto, o educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997) fala da “autodemissão” do corpo consciente, uma forma de violência simbólica

perpetrada pelo “poder da domesticação alienante” sobre os corpos de homens e mulheres (FREIRE, 1999, p. 128). Trata-se da “dominação”, da imposição sutil, persuasiva, do poder apresentado como fator inquestionável, conduzindo à acomodação, ao conformismo. Isto é, um poder capaz de moldar de forma a domesticar a vontade do outro.

A “demissão do corpo consciente”, de acordo com Freire (2003), reflete a “estranheza” do outro diante da identidade do sujeito que exerce o domínio sobre o corpo e conduz a uma sensação de determinismo conformado, o que parece estar diante da consumação do fato, não havendo nada a ser feito. Freire (2003) aguça sua negação ao determinismo. Em sua concepção da história, a violência é um ato de desumanidade, pois o praticante deste ato nega o outro como alteridade, como ser humano.

Lançando mão da expressão “interdição do corpo” para dizer que, historicamente, no Brasil, o corpo foi “proibido de ser” – não foi sujeito, mas

sujeitado –, Freire (1994) afirma: “somos vocacionados para a humanização e, temos na desumanização, fato concreto na história, a distorção da vocação” (p. 99). Para o autor, essa sujeição desumanizante que a tudo interditava tem origem na escola e encontra resguardo na própria educação.

Segundo Freire (1999), todo ser humano existe para ser sujeito da história, pois a vida é existência na “proporção que o corpo humano vira corpo consciente”, ou seja, na medida em que o ser humano conscientiza-se do existir e do existente. Dessa forma, o corpo de quem é alvo desse tipo de violência, não sendo um corpo consciente, não é também, um “corpo apreendedor” nem um “corpo transformador”, pois não é capaz de “decidir”, de “escolher”, de “intervir no mundo” (FREIRE, 1999, p. 57). Freire defendia a admissão do corpo consciente contra a inércia, a reprodução do *status quo*, o determinismo, a passividade, o conformismo.

Neste contexto, notamos que o corpo para Freire (1999) transcende sua existencialidade física. O autor

considera o corpo parte elementar da completude do sujeito, sendo este detentor de suas próprias escolhas e atitudes. Desse modo, evidencia-se a importância em reconhecermos o corpo, inclusive no âmbito escolar, como “peça interventiva” consigo, com os outros e com o mundo.

Evidenciando uma aproximação da concepção de Freire (1999) com nossa compreensão acerca do corpo, fixamo-nos na comunicação dialogada entre homem e mundo. O movimento além de ter a capacidade de modificar nossas sensações e transmitir nossas intenções, reorganiza o contexto como um todo, considerando, mesmo que inconscientemente, a unidade mente-corpo. Segundo Nóbrega (2005), essa proposição geral sobre a percepção se aproxima da apropriação enativa, a qual se caracteriza, segundo Varela (1996) como uma teoria da atuação que se propõe a relacionar de forma interativa a ciência e experiência.

À luz da abordagem enativa, temos “o corpo e seu meio ambiente vivem histórias que interagem enquanto dura o processo vital de ambos” (MARIOTTI, 2000). Isso

implica em dizer que a mente está “corporificada no cérebro”. Por conseguinte, referenciando a teoria *merleauPontyana*, os seres vivos estão no mundo de modo a serem considerados parte dele. Logo, a interação existente entre homem e mundo desencadeia significados singulares e compartilhados, imbuídos de sentimentos, emoções, dimensão histórica e o contextos personificados em diferentes fenômenos.

Partindo deste contexto elencado por Freire (1999) e ancorados em Nóbrega (2005), é necessário reconhecermos e aceitarmos a vinculação existente entre corpo e mente num processo global. Isto é, devemos entender que a mente não está simplesmente em alguma parte do corpo, mas ela é o próprio corpo. Assim, segundo Nóbrega (2005), essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas se enganam ao colocarem a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo.

Debates teóricos a partir das dimensões elencadas

A partir dos conceitos elencados, é possível traçar pontos que dialogam numa mesma perspectiva de pensamento acerca do corpo como elemento subjetivo. Na vertente filosófica, Merleau-Ponty (1999) argumenta que não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, mas o corpo, ao sair de sua dispersão, se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele. Encontramos aqui certa similaridade no cerne da dimensão do corpo desligado da materialidade física, como propõem Laban (1978) e Freire (1999).

Primeiramente com Laban (1978), temos a premissa de que o corpo não deve ser encarado como um instrumento a ser treinado, mas como um todo onde as partes se integram através do movimento, seja ele internamente, por meio de seu fluxo (órgãos, respiração, líquidos), ou externamente, por meio de sua expansão no espaço. Nada obstante,

estes movimentos se correlacionam, não sendo vistos como extremos, como elementos distintos. Segundo o autor, a correspondência entre corpo e mente em um ser completo advêm, sobretudo, da interação dele com o espaço em que se insere. Deste modo, cada tensão de movimento expressa sentimento, emoção, intenção.

Diante destas possibilidades, Freire (1999), ao tratar do corpo como ferramenta interativa, remete ao ato de agir e interagir com o meio. Este, por sua vez, é caracterizado, segundo o autor, como um espaço de troca de informações, de conhecimentos, podendo ser considerado, por conseguinte, um espaço pedagógico que compreende aquele que ensina e aquele que aprende, definindo certa relação entre eles. Para o autor, o espaço pedagógico representa um texto para ser constantemente “lido, interpretado, escrito e reescrito”.

Em consonância com o dito, Gomes-da-Silva (2001) elucida que o corpo, através de seus movimentos, produz muito além da expressão, da comunicação. Sua repercussão caracteriza o homem enquanto sujeito parte do todo, no qual a relação direta

e indireta proporciona uma conexão singular e igualitária. O corpo reveste um complexo emaranhado de elementos (sentidos, sentimentos, sensações, vontades, intenções) que dialogam com o sujeito, em um processo interno, e com o meio, em um processo externo.

Uma prerrogativa que muito se aproxima com a perspectiva levantada é trazida por Greiner (2005). Através de seus estudos, a autora elucida que o corpo e o ambiente são contaminados mutuamente ao invés de uma relação de influência ativo/passivo. Refletindo sobre manifestações de dança, teatro e performance, a autora afirma que o “onde” deixou de ser apenas o lugar em que o corpo artista se apresenta. Na realidade, fora gradativamente se transformado em parceiro ativo dos experimentos cênicos. “Em vez de lugar, o onde se tornou uma espécie de ambiente contextual” (p. 51-52). De certo modo, encontramos similaridades entre o pensamento de Greiner (2005) e o de Laban (1978), o qual defende a correspondência entre corpo e mente em um ser completo, por meio de uma linguagem gestual simbólica e da interação entre corpo e espaço. Para Laban, cada tensão de

movimento é expressiva de um ou mais sentimentos ou emoções correspondentes.

O diferencial entre as várias perspectivas do corpo no espaço está em como é acessado o “corpo subjetivado”. Enquanto alguns seguem por caminhos que buscam a disciplina de um “treinamento” padronizado, outros optam pela liberdade intuitiva, trabalhando a partir de princípios que impulsionam a exploração, tornando o sujeito partícipe do contexto e não mero objeto. Para Laban (1978), a expressividade é um ponto primordial neste processo, pois vincula-se à nossa energia, ao impulso interno.

Partindo para uma discussão ideológica da relação corpo e sujeito, é extremamente pertinente considerarmos a subjetividade corporal. A isso, Picard (1986), fundamenta que o ser humano não possui uma subjetividade una, mas é composto de fragmentos, identidades, sem que haja, necessariamente, um elo de coerência entre as partes. Assim a relação corpo-mente não é de unidade fixa e estável, mas de relação

dinâmica. A isso, Oliveira (2006) nos diz que

[...] a ideia de que estrutura física (órgãos, líquidos, ossos, músculos, etc), pensamentos e emoções/sentimentos habitam o mesmo território que é o corpo, num constante relacionamento interdependente de ir e vir com o que se encontra ao seu redor. Isto seria o que chamamos de “corpo subjetivado”. (p. 23)

Ancorando-nos no pensamento de Picard (1986), defendemos que compreendendo o corpo, compreendemos melhor a relação social. O corpo então aparece como “um cenário onde existem várias instâncias discursivas, réplica de um personagem para outro, onde diferentes espaços semióticos são misturados constantemente, compondo e decompondo um caleidoscópio de expressões” que resultam em ressonâncias corporais. Assim, nesta esfera expressiva, cada parte do corpo é, segundo Picard (1986), “envolvida por proporções variáveis: corpo e rosto, gestos e posturas, olhos e mãos, tensão

muscular e movimento, sorriso e respiração” (p. 227).

Considerações finais

O estudo apresenta os mais variados contextos em que o corpo está inserido, envolvendo aspectos conceituais e ideológicos. Discutir tais práticas por meio da revisão sistemática possibilitou buscar compreensões à luz das importantes teorias já consolidadas, envolvendo princípios e perspectivas que apontam para uma similaridade ideológica: a do corpo como elemento subjetivo.

Confrontando as teorias elencadas por meio das obras e seus respectivos autores, pontuamos algumas considerações que sustentam a perspectiva base aqui defendida. A primeira delas é que o corpo não deve ser evidenciado como elemento dicotômico, separado, individualizado. É necessário assimilarmos que à medida que o sujeito vai se desenvolvendo, seu corpo apropria-se de uma conjuntura contemplada pela tradição, costumes, cultura, hábitos, enfim, fatores inerentes a um sujeito tipicamente social.

O fato é que tal contexto dificilmente pode ser avaliado e/ou analisado a partir de uma abordagem crua, direta, objetiva. O corpo, neste viés, é fruto de uma subjetividade rica em elementos não concretos, não racionalizáveis. Daí a necessidade de novos mapeamentos que revelem o desenho subjetivo deste corpo, buscando compreender, dentre outras coisas, sua identidade expressada pela gestualidade, postura, até mesmo sua ocupação no espaço. É preciso entender e aceitar que mover-se vai muito além de mudar de posição, que deslocar-se é muito mais que sair de um canto a outro.

A segunda consideração a ser ponderada é a composição do corpo por ricas informações, que, por sua vez, revelam o sujeito em sua completude, oferecendo significados antes não percebidos, muito menos valorizados. A afirmação de que “somos um corpo” exemplifica bem o que defendemos junto aos pensamentos aqui abordados. Nas palavras de Medina (2002), o corpo não deve ser apenas um objeto sendo inscrito na categoria do jurídico, sendo julgado feito ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou

fraco. Muito menos ser peça que cumpre sua função dentro da “engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem” (p. 69). O corpo é maior que tais prerrogativas, devendo assim ser considerado a partir de todas as suas dimensões, sejam eles individuais, coletivas, sociais e/ou políticas.

Neste contexto, elucidamos a perspectiva que cremos ser a mais completa e mais justa perante o valor do corpo. Sua significância está diretamente ligada ao processo de desenvolvimento humano, passando pelo estar e fazer-se perceber no meio em que se insere. O homem não está no corpo, nem o corpo está no homem. Ambos é um só elemento, o qual só pode ser compreendido se considerado, tanto objetivamente, como por meio de sua essência subjetiva.

Artigo recebido em 22 de setembro de 2011.

Aprovado em 12 de janeiro de 2012.

Referências bibliográficas

CORRAZE, Jacques. *As comunicações não-verbais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 7a. Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Por uma ontologia do movimento comunicativo. In: GUEDES, Onacir Carneiro (Org.). *Atividade física e esportes: contextos e perspectivas evolutivas*. João Pessoa: Gráfica UNIPÊ, 2001.

GREINER, Christine. *O Corpo: pista para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. Disponível em: <http://bit.ly/10Ejt9e> (acesso: 01/05/2011).

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARIOTTI, Humberto. *Cognição, sociedade e o novo autoritarismo: uma análise de algumas abordagens científicas e suas conseqüências éticas*. Revista Eccos (Uninove, Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo), vol. 2, No.1, pp. 27-43, 2000.

MEDINA, João Paulo Subirá. *O brasileiro e seu corpo*. 8ª Edição. Campinas: Papirus, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo*. Educação e Sociedade. Vol. 26, nº 91. Campinas, May/Aug. 2005. Disponível em: <http://bit.ly/gjlhcf> (acesso em 12/11/2012)

OLIVEIRA, Antônio Ricardo Fagundes de. *Corpo Subjetivado: a categoria expressividade do sistema Laban/Bartenieff na formação do ator contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Escola de Teatro, Departamento de Técnicas do Espetáculo. Ano de defesa: 2006.

PICARD, Dominique. *Del código al deseo: el cuerpo em La relación social*. Buenos Aires: Editorial Paidós, SACIF, 1986.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.

Revista Brasileira de Fisioterapia. São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

VARELA, Francisco J. *Invitation aux sciences cognitives*. Paris : Éditions du Seuil, 1996.